SÍRIOS E LIBANESES NA CIDADE DE SÃO LUIS NO INÍCIO DO SÉCULO XX: RALAÇÕES DE ALTERIDADE E A BUSCA PELO LUGAR IDEAL

MARCELO VIEIRA MAGALHAES*

O desembarque em terras brasileiras de imigrantes sírios e libaneses no início do XX foi marcado por um processo de exclusão destes em seu local de origem, mas também pela busca de melhores condições econômicas em outros espaços. Nem todos que decidiram imigrar eram pobres, sendo muitos alfabetizados em mais de uma língua ou com formação superior ou ainda, puderam contar com a ajuda da família, que contribuiu para sua mudança já com algum pecúlio.

O lugar de fixação nem sempre foi o de chegada, muitos perambularam pelo interior, pelas zonas rurais do Brasil até encontrar "o seu lugar", que podia ser indicado por parente ou pelo encontro de patrícios já instalados, ou mesmo pelo entendimento de que ali teria melhores oportunidades. No Maranhão, muitos dos que viviam e comercializavam na capital, passaram por cidades do interior, trabalhando para parentes em balcões de lojas ou mascateando nas fazendas e vilas, como atestam os depoimentos[1].

As redes de conterrâneos, usando a expressão de GATTAZ (2005), facilitou a vida dos recém chegados á São Luís e o encontro de parentes e patrícios poderia ser a garantia de dias melhores: um emprego, um lugar para dormir, um sócio, ou o início de um novo negócio.

Parecia que as notícias sobre o novo continente que chegavam ás pequenas cidades da Síria e do Líbano através de cartaz e depoimentos dos que visitavam a terra natal eram reais, no Brasil, recomeçar a vida parecia fácil, desde que se trabalhasse. Descrito por aqueles que já haviam experienciado a imigração como um lugar onde se encontrava ouro no chão e de ganho fácil, a terra nova animava os viajantes na certeza de dias melhores. Mas o encontro com o novo não foi marcado somente por alegrias e certezas positivas, o imigrante sírio e libanês que se fixou na capital maranhense encontrou resistência. Da não tão discreta chegada á São Luís[2], esses imigrantes já no

*Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mestre em história.

[1] A. Salem, H. Dailibe, A. Duailibe; M. Rabane

[2] A imigração síria e libanesa comparada a outras do final do século XIX e início do XX foi numericamente inferior. Para o Maranhão não é possível quantificá-los, mas encontrei referências nos

início do século XX ganharam notoriedade e começaram a incomodar alguns moradores que os viam com desconfiança e ressentimento de parte daqueles que outrora controlavam o comércio local: "[...] o quanto vale a decantada imigração árabe para esta terra, o seu modo de negociar, de forma a prejudicar o comércio sério e honesto desta praça [de São Luís]". (A PACOTILHA,/1900:?).

Essa reserva em relação aos sírios e os libaneses, especialmente com os que abraçaram o comércio como meio de sobrevivência, pode ser percebido dentro de uma proposta de análise: a tensão existente entre esses dois grupos que disputavam fatias do comércio local. Os libaneses e sírios de um lado e os nacionais do outro. Se são notáveis as críticas ao elemento sírio e libanês pelos nacionais, pode-se também perceber críticas em sentido inverso, que apesar de menos explícitas ficam evidentes. Rabane, quando se refere ao elemento nativo e o compara aos seus patrícios, chega à conclusão de que "os maranhenses são preguiçosos, enquanto os libaneses gostam de trabalhar duro"[3].

A campanha contra libaneses e sírios era explícita e evidente já no início do século XX, os jornais *A Pacotilha* e o *Diário do Maranhão* trazem rotineiramente artigos produzidos por leitores que se posicionam contra ou a favor a sua presença na praça comercial de São Luís.

Mesmo quando as críticas apontavam para as características do lugar de origem, como a menção á sua "língua feia" ou seu modo de viver (A PACOTILHA, 12/03/1902), esses argumentos estavam imbutidos na questão do comércio. No jornal *A Pacotilha* de 08 de janeiro de 1900, um leitor que assina como Al Arab critica a presença dos "sírios" no comércio da cidade de São Luís, exigindo dos poderes públicos o fim da participação dessa etnia no comércio local. O autor da crítica considera que outros comerciantes locais não podiam concorrer com os "sírios", que obtinham suas mercadorias "sem pagamento de impostos a que estão sujeita, o que seria contrabando; ou ainda lhes iludindo sempre a boa fé dos compradores, falso nome, falsa qualidade o que seria o estelionato". (A PACOTILHA,1900:?).

---

registros de flagrante de delito dos primeiros vinte anos do século passado e nos registros de casa de cômodo e de pensões dos anos 1930 e 1940 menção a chineses, gregos, francês, bolivianos, russos e outros, demonstrando a passagem e permanência destes na cidade. Por outro lado, os maiores contingentes no maranhão parece ter sido o dos portugueses e dos sírios e libaneses.

[3] Michel Rabane, depoimento concedido em São Luis, no dia 11 de novembro de 2005

Em outro artigo no mesmo jornal, o autor, que não se identifica, os chama de elementos extremamente perniciosos e diz que se permitirem que continuem na cidade eles devorarão o comércio local. (A PACOTILHA, 1900:?).

Essa reação nada amistosa por parte dos nacionais não é um "privilégio" da sociedade local. Boris Fausto, citando Jean Delumeau, chama a atenção para a ojeriza dos nativos em relação ao estrangeiro:

> *[...] apesar de os relatos de viagem durante a Idade Média e o Renascimento constituírem uma atração extraordinária, a massa da população tinha relativamente ao estrangeiro, no seu dia a dia uma atitude muito restritiva. Daí a hostilidade contra os de fora [...]. (FAUSTO, 1998:20).*

A campanha contra os "sírios" é revertida em um debate que envolveu dois grupos que se digladiaram durante pelo menos dois anos (janeiro de 1900 e março de 1902) nos jornais *Diário do Maranhão* e *A Pacotilha*. De um lado, os que acusam os "sírios" de "roubos", "falcatruas", chamando-os de "criminosos", exigindo providências do governo local, e apelando "para os poderes públicos, pedindo uma lei proibitiva, no intuito de impedir o comércio deste ou daquele estrangeiro." (DIÁRIO DO MARANHÃO, 1900:?). De outro lado, havia aqueles que os defendiam, exaltando suas qualidades. Ambos escondiam-se atrás de pseudônimos.

No artigo mencionado acima, apesar de se referir de modo vago à presença "destes ou daqueles estrangeiros", trata sobre os "sírios". O texto faz parte de um amplo debate, conforme já citamos, no qual o alvo não é o estrangeiro, mas sim os "sírios", ou melhor, o comerciante sírio e libanês.

Truzzi (1997) afirma que os que mais se incomodaram com a ascensão desses imigrantes em São Paulo foram os membros de uma elite comercial decadente, principalmente os portugueses, que tiveram de ser deslocados de suas funções e espaços para dar lugar aos comerciantes sírios e libaneses. Não há evidências para afirmar se a campanha, em Saõ Luís, foi promovida por comerciantes portugueses, mas tendo ou não a participação destes, o fato é que esta, além de pedir providências do governo para inibir a participação desse grupo no comércio local, lançou mão de outro expediente: tentar mobilizar a população, pedindo para que não comprassem nada desses comerciantes, emitindo circulares para as cidades do interior do estado com o mesmo objetivo. (DIÁRIO DO MARANHÃO,1900:?).

Em São Paulo, campanha semelhante foi promovida por italianos, que vendo seus negócios de venda de tecidos minguarem, chamavam o público para não adquirir mercadoria dos libaneses e sírios, conseguindo até mesmo que uma fábrica de tecidos italiana não vendesse a esses comerciantes. (TRUZZI, 1997). As campanhas em São Paulo, assim como as realizadas em São Luís, fracassaram.

Como já foi dito, se existiam críticos, havia também quem se propunha a defendê-los. Leitores que assinavam com os pseudônimos de Plínio, Epaminondas, Justus e Golias rebatiam as críticas e acusavam os desafetos dos sírios e libaneses de moverem tal campanha por interesse na permanência do controle do comércio da capital e que "homens de certa ordem têm posto seus serviços intelectuais a disposição desse grupo, com a mira na gorda gorjeta com que lhes acenão." (DIÁRIO DO MARANHÃO,1900:?).

Epaminondas, em artigo denominado "questão vigente I", publicado no jornal *Diário do Maranhão,* defende a presença e a livre escolha pela profissão de comerciante dos "sírios":

> *Ao chegar ao Brasil, e ao pisar o solo desta terra, cuja hospitalidade tornou-se proverbial, o estrangeiro sério e honesto, que traz a intenção de fixar sua residência por cá, tem o direito de aplicar-se a qualquer ramo de atividade humana, escolhendo este ou aquele meio de vida, escolhendo livremente a profissão para a qual estiver habilitado*. (DIÁRIO DO MARANHÃO,1900:?).

A defesa toca em outro ponto, o da honestidade dos "sírios", negada veementemente por seus detratores. O autor procura exaltar as qualidades desses estrangeiros, caracterizando-os como sérios e honestos, indivíduos que procuram o Brasil para exercer a atividade comercial pautada nessas qualidades.

Embora os jornais do início do século mostrem as tensões entre os grupos que tinham interesse no comércio da capital e de algumas cidades do interior, não se pode dizer o mesmo dos depoimentos dos entrevistados para essa pesquisa. Nas entrevistas realizadas, é quase unânime a negação, por parte desses imigrantes e seus descendentes de qualquer preconceito dos maranhenses contra os sírios e libaneses. Todos os

entrevistados[4] afirmam as relações cordiais e citam exemplos de solidariedade e de amizade para comprovar tal afirmação. Muchereck[5] recorda que suas relações com os nativos em São Luís sempre foram muito boas, tendo inclusive muito mais amigos brasileiros que libaneses e descendentes. Para Alberto Duailibe também não havia preconceito. Esse militar da reserva reafirma as relações de cordialidade e amizade lembrando a relação entre seu pai e um grande comerciante da praça comercial de São Luís:

> *No começo da vida dele, ele fez amizade com um senhor chamada Emílio Lisboa, que era um cidadão muito rico, dono de muitas propriedades, inclusive ele tinha um "shopping", cheio de mercadorias importadas na Rua Afonso Pena e esse senhor gostava muito de papai e ofereceu pra ele uma lojinha, pra papai iniciar o comércio* (DUAILIBE, 2007).

Mas essas tensões, apesar de negadas, existiam e puderam se deixar revelar sutilmente, quando as lembranças fugiam ao controle do entrevistado que preferia representar suas relações com os maranhenses de forma amigável e cordial. O depoimento de Henry Duailibe[6] pode dar visibilidade a essas tensões que se pretendia camuflar. Apesar de negar qualquer dificuldade em se relacionar com os nacionais, quando fala das relações familiares, do convívio com o pai e a mãe, lembra que o "pai não queria ensinar a língua [árabe], depois a gente foi saber por que, por causa disso, para não ser chamado de carcamano"[7](DUAILIBE, 2007).

A referência à língua árabe como "feia" e inapropriada pode ser percebida em várias ocasiões no tempo e no espaço. Truzzi (1997) cita dois exemplos. Em um deles reproduz um trecho do livro de Alfredo Eliis Jr., *Populações paulistas*, no qual o autor se refere aos indivíduos desse grupo como homens "abundantemente servido por pellos, falando idioma muito gutural e incompreensível". Outro exemplo, retirado da obra *Oeste paulista,* de A. Tavares de Almeida, é o de um vereador da cidade de São José do Rio Preto, Porfírio de Alcântara Pimentel, que em 1906 apresentou um projeto

---

[4] Os entrevistados para essa pesquisa são imigrantes ou descendentes, na época,todos na casa dos setenta anos. Suas memórias remetem a suas experiências e dos seus pais.

[5] Muchereck. Depoimento concedido em São Luís em 25 de agosto de 2005.

[6] Henry Duailibe. Depoimento concedido em São Luís em março de 2007.

[7] Carcamano é uma expressão pejorativa, a qual os maranhenses se referem aos sírios e libaneses.

sugerindo que "todos os turcos que fallar na língua turca perto de um brasileiro por cada vez que fallar multa de 10$000 paga na boca do cofre municipal". Em São Luís, o vereador Firmino Saraiva afirmou em artigo que o "sírio [...] não se liga com o indígena, fala uma língua arrevessada e feia [...]". (A PACOTILHA, 12/03/1901).

Em outros depoimentos (Duailibe, Rabane, Mouchereck, Salem), há uma dificuldade em se realçar esse preconceito, pois os entrevistados fazem questão de afirmar que se davam muito bem com os ludovicenses, que não sofriam nenhum tipo de discriminação.

Cabreira (2001), em sua pesquisa sobre cultura e identidade dos libaneses em São Paulo, também identificou a dificuldade destes em admitir que sofriam preconceito e esse é um dado importante de se apreender. Portelli (1996), quando analisa a questão da subjetividade nos depoimentos orais, chama a atenção daqueles que pretendem trabalhar com a oralidade para que não se superestime as informações dadas em relação aos fatos propriamente ditos e subestime a subjetividade dos entrevistados. Como bem coloca o autor, todo entrevistado "não aceita reduzir sua própria vida a um conjunto de fatos", cada narração está carregada de subjetividade, onde as pessoas "atribuem o significado à própria experiência". Entendo que quando esses imigrantes negam qualquer preconceito em relação a eles, pode-se concluir ser esta uma forma de se valorizar, colocando-se como muito bem-aceitos pelos moradores locais e criando uma identidade positiva e valorizativa de si próprio e da imigração.

Os imigrantes e descendentes têm dificuldades em admitir preconceitos sofridos por eles durante sua jornada de vida, buscando, assim, construir sua própria versão dos fatos e de si mesmo.

A "guerra de representações" capturada nos jornais e nas falas dos entrevistados demonstram que se esta iniciou-se em função da disputa de espaço no comércio local, logo atravessou os olhares do sujeito comum, que passou a lhes atribuir valores e características, como o moleiro Cantídio, que depois de agredido por libaneses com os quais se desentendeu, chamou-os de "carcamanos besta", expressão negativa, ainda em uso no Maranhão, para depressia-los publicamente. O moleiro poderia tê-los achincalhado de qualquer nome, mas escolheu milimetricamente a palavra carcamano para atingí-los[8].

[8] Denúncia crime, 1903. Pode ser encontrada no Arquivo do poder judiciário do Maranhão. Caixa sem identificação

Diante dessa construção identitária negativa forjada por parte da sociedade que os queria longe da cidade (leia-se do comércio), mas diluida no senso comum, foi necessário a criação ou a construção de uma outra imagem de si próprio, uma imagem positiva que desse conta de aliviar as tensões e o desconforto com a sociedade. Os textos do início do século XX que elencão seus atributos ligados a honestidade e vontade de trabalhar são reproduzidos pelos descendentes um século depois, como se pode notar na fala dos entrevistados.

Essas representações majoritariamente negativas que se observa no início do século XX, foi ganhando contornos diferentes com o passar dos anos, fruto da aproximação com os ludovicenses e do uso de estratégias e táticas, como a oferta de uma bandeira nacional ao exército brasileiro ou a doação a entidades de caridade, tendo como consequência elogios ao "operoso povo sírio" (O ESTADO,1917:?) ou a "laboriosa e amiga" colônia síria (O ESTADO,1917:?).

Mais próximos dos naturais da cidade e com filhos já nascidos em São Luís, que falavam português "corretamente", misturavam-se com maior facilidade, casando-se com brasileiras e estreitando contato devido ao maior número de lojas controladas por esses imigrantes e seus descendentes, como podemos observar nos jornais a partir da década de 1910. Mas é a partir da década de 1930 que esse status se modifica consideravelmente, passando a se configurar majoritariamente positivo. Os textos publicados em livros que tratam do tema da imigração e da presença síria e libanesa no Maranhão passam a ver e representar esses imigrantes de forma positiva, corroborando para a construção ideal da imagem difundida no início do século pelos defensores desses imigrantes.

Essa mudança de atitude frente a esse grupo está relacionada à mudança de *status* econômico e, consequentemente, social. Gattaz (2005) observou esse fenômeno também em São Paulo:

> *Pode-se dizer, entretanto, que em geral a apreciação nacional do imigrante árabe, até os anos 1930, foi mais negativa do que positiva", e mais adiante conclui: "Formou-se assim um mito abraçado pelos intelectuais da colônia – poetas, jornalistas, escritores – que tratam de dar um corpo "teórico" à imigração levantina, especialmente a libanesa. Estes escritores destacavam a coragem, a perseverança, a frugalidade e a honestidade dos mascates pioneiros, e a sua dedicação ao trabalho, á família e á religião (cristã ou islâmica- Enquanto as histórias que*

denegriam os libaneses eram reduzidas a inverdades ou casos isolados. (GATTAZ, 2005: 103-104).

No Maranhão, a tese da mudança de atitude em relação aos libaneses a partir da década de 1930 pode ser confirmada com outra obra: *O Maranhão e suas riquezas*, de Eurico Macedo Teles, publicada pela primeira vez nos anos 1940. O autor dedica um pequeno capítulo aos sírios, intitulado "Colônia síria". Neste, Eurico Teles faz uma verdadeira apologia aos sírios, colocando-os no mais alto grau de méritos e qualidades. O que descreve é em parte o que o grupo dizia sobre si mesmo: laboriosos, econômicos e de boa relação com os naturais da terra. Reforça o mito do libanês que deu certo: "prosperam até alcançar o nível de negociantes [...]". (MACEDO, 2001: 39).

O sírio se converte, nas poucas páginas do texto, no mais nobre elemento civilizador, por suas qualidades morais, psíquicas e físicas, pois criam "os filhos de costumes os mais rigorosamente moralizados, ao mesmo tempo que dotados de ótima robustez física [...] sem vícios, e moderados em tudo que diz respeito a festas e bebidas, casando-se ainda jovens e mantendo-se rigorosamente monogâmicos [...]". (MACEDO, 2001:35). O autor mais adiante compara-os com os europeus e conclui que nenhuma "raça europeia ou asiática resistiria aos invernos tropicais reinantes nas selvas do Maranhão, como resistiram os sírios e libaneses". Por último, apresenta-os como o elemento civilizador nos meios mais atrasados, ou seja, no sertão maranhense. Percebe-se no texto de Macedo o inverso do que era publicado nos jornais quarenta anos antes. É verdade que quando o autor descreve a população maranhense evita críticas e valor de juízo negativos, ao contrário, elogia praticamente todos os grupos que encontra. O português "exerce muito justamente a liderança dessa digna profissão do comércio; o imigrante [português] passava a emitir ao nativo o seu mais elevado espírito e iniciativa; o caboclo, por sua vez, é robusto e prestativo" (MACEDO, 2001), além de trabalhador. O sírio, então, é corajoso e moralizador, entre outros atributos, destacando-se em relação aos outros pela maior quantidade de elogios.

A mudança no tom em relação aos imigrantes sírios e libaneses e seus descendentes não foi unânime, é possível encontrar, mesmo que esporadicamente quem os critique, mas de modo geral a representação destes, mesmo que lida e apresentada por elementos nacionais é outra. Posso afirmar que nessa guerra de representações o vencedor teria sido o imigrante e seus descendentes. O que por outro lado, não garantiu a total assimilação, a

referência a estes como carcamanos, mesmo que tenha perdido o sentido original- já que muitos não sabem o que significa- e a ideia de apego ao dinheiro e a fama de bons negociantes ficou para a posteridade, marcando a identidade desses imigrantes e seus descendentes.

BIBLIOGRAFIA:

- CABREIRA, Márcia Maria. Cultura e identidade em São Paulo: a imigração síria e libanesa. **Eccos Revista Científica**, São Paulo, n. 1, v. 3, 2001

- FAUSTO, Boris. Imigração: cortes e continuidades campo. In: SCHWARCZ, Lilian Moritz. **História da vida privada**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 4.

- GATTAZ, André. **Do Líbano ao Brasil:** história oral dos imigrantes. São Paulo: Gandalf, 2005.

- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:** artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2004.

- CHARTIER, Anne Marie; HÉBRARD, Jean. A invenção do cotidiano: uma leitura, usos. **Trabalhos da memória, Projeto História**, São Paulo, n. 17, 1998.

- CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

- MACEDO, Eurico Teles de. **O Maranhão e suas riquezas**. São Paulo: Siciliano, 2001

- PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1996

- TRUZZI, Oswaldo Mário Serra. **Patrícios**: sírios e libaneses em São Paulo. São Paulo: HUCITEC, 1997

Jornais:

- A PACOTILHA, 1900 a 1903

- Diário do Maranhão,1900 a 1902

- O Estado, 1917

Documentos:

- Denúncia crime, 1903. Arquivo do poder judiciário do Maranhão. Caixa sem identificação.

Entrevistas:

- Abdon Salem, depoimento concedido em São Luís, no dia 15 de março de 2007

- Alberto Duailibe, depoimento concedido em São Luís em março de 2007.

- Henry Duailibe, depoimento concedido em São Luís, no dia 23 de março de 2007.

- Michel Rabane, depoimento concedido em São Luis, no dia 11 de novembro de 2005

- Mouchereck, depoimento concedido em São Luís, no dia 11 de maio de 2005